

PRINCÍPIOS DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO*

Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

Eféios 2.10

AS ESTRATÉGIAS PARA ALCANÇARMOS os nossos alvos, no intuito de gerarmos desenvolvimento e transformação, poderão variar de lugar para lugar, dependendo do contexto, dos potenciais, das necessidades e recursos disponíveis. Porém, poderemos aplicar princípios comuns que nortearão o trabalho e nos ajudarão a permanecermos no caminho certo. Quando nos referimos ao termo “princípio”, nós o entendemos como uma diretriz básica, uma direção que pode ser aplicada a qualquer trabalho de desenvolvimento comunitário, independente do contexto.

No decorrer deste capítulo, foram acrescentados testemunhos reais de pessoas que, em nosso ministério, o CADI (Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral), em Fazenda Rio Grande, Paraná, foram alcançadas e tiveram suas vidas transformadas pelo trabalho comunitário. São pessoas comuns que ilustram a aplicação desses princípios, pois desenvolveram suas próprias vidas e ajudaram a mudar a história da sua comunidade.

Visão equilibrada de ministério

Em nosso trabalho comunitário, é essencial que tenhamos um equilíbrio saudável no exercício do ministério, no que diz respeito à questão da espiritualidade, vida com Deus, unção, direção e capacitação sobrenatural, por um lado, e à questão das “boas obras”, por outro. É comum pendermos perigosamente para um lado ou para o outro. Em contextos em que há pessoas envolvidas com o “serviço social” na Igreja é comum observarmos a área de vida com Deus e direção do Espírito negligenciada em prol de programas e projetos tecnicamente bem delineados. Em muitos casos, ignora-se que o desenvolvimento comunitário é uma das mais efetivas armas de batalha espiritual, à medida que aproxima as pessoas das intenções que Deus tem para elas. Como resultado, vemos pessoas despreparadas e com um fraco entendimento da relevância de uma espiritualidade forte e saudável para exercer esse tipo de ministério. Em longo prazo, os resultados disso poderão ser obreiros cansados, filosofia humanista norteando o trabalho, problemas de relacionamento na equipe, falta de direção, perda de objetivos, e assim por diante.

Por isso, é fundamental que tenhamos um equilíbrio saudável e bíblico dos aspectos *vertical* e *horizontal*, que na verdade se fundem em apenas um. Mas é justamente esse equilíbrio entre a contemplação e a ação que se acha ausente em tantos grupos! A vocação original da Igreja ou *Eclésia*, que se constitui na “assembléia de pessoas chamadas para fora” é o chamado de servir ao mundo em nome de Deus. E isso, infelizmente, permanece total ou parcialmente ausente.

Vemos esse equilíbrio em Mateus 22.34-40, que diz:

Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho. E um deles, intérprete da Lei, experimentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este

é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

Em Efésios 2.10 vemos as boas obras como uma questão de *vocação* da Igreja, e não de *salvação*: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”. cremos firmemente que, quando colocamos Deus no centro do nosso ministério de apoio aos menos favorecidos, buscando nele a força, a direção e a união para o trabalho, dispostos também a pormos as mãos no arado, sem nos perdermos em discursos e apenas boas intenções, não há limites para o que Deus pode fazer e usar em nossas vidas. Vamos crer que o nosso trabalho de dimensão social é de fato uma manifestação do reino de Deus e, por mais que tenhamos os recursos financeiros e o *know-how* técnico, é uma obra de fé.

Outro aspecto importante do equilíbrio no ministério é a “visão macro” e a “visão micro”. Na verdade, esse é um princípio aplicável em qualquer área de ministério. Por um lado, precisamos compreender aquilo que Deus está operando mundialmente, as estratégias globais da Igreja nos finais dos tempos, as novas visões, o mover específico de Deus para estes dias, as organizações internacionais disponíveis para prestar consultoria e oferecer recursos, o que os principais líderes de missões globais estão dizendo, com quais experiências dos outros podemos aprender, como podemos fazer parcerias para o desenvolvimento do nosso trabalho etc. Este é um aspecto importante e necessário para qualquer pessoa que queira desenvolver um trabalho sério e de qualidade.

Porém, por outro lado, não podemos negligenciar as pequenas demandas do ministério entre os pobres, tornando-nos executivos da fé e abandonando a essência do nosso chamado. Pode ser que um dia estejamos participando de um congresso ou uma consulta internacional de missões urbanas para discutir estratégias globais, e isso é importante. Mas, no outro dia, temos de estar dispostos a nos envolver com o nosso povo, seus pequenos problemas do dia-a-dia, suas lutas e suas aflições, compartilhando a vida em todas as suas expressões. Se não estamos prontos para isso, numa visão realista do que é o ministério, também não estamos prontos e não temos autoridade para sonharmos com o aspecto macro. Devemos prosseguir preocupados com a salvação do mundo, mas também com as pequenas necessidades daqueles a quem servimos. Jesus, o maior estrategista de todos os tempos, é nosso exemplo de amor e entrega a indivíduos comuns.

Desde que fizemos o curso universitário na área de saúde, desenvolvemos o interesse pela vida como um todo. Entendíamos que a saúde estava relacionada com aspectos físicos, biológicos e principalmente sociais, como moradia, saneamento básico, alimentação, trabalho [...], para que o indivíduo atingisse plenamente o seu desenvolvimento. Desconhecíamos, no entanto, a dimensão espiritual como uma necessidade a ser desenvolvida. Dimensão esta que viemos a compreender após nossa conversão e participação no CADI – Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral.

Esta visão do evangelho integral veio a dar-nos entendimento das intenções de Deus para nossas vidas, para as famílias e para a sociedade. Ainda veio a restaurar o nosso relacionamento com Deus, com nós mesmos, com o nosso próximo e com toda a criação.

Por vários anos servimos voluntariamente como dentistas no CADI e atuamos na liderança da igreja local.

LUIZ ALBERTO BASTOS, 40 ANOS

Visão integral do homem

O trabalho de desenvolvimento comunitário fica completamente sem sentido quando não é acompanhado de uma adequada visão da integralidade do homem e da forma como Deus se relaciona e se importa com o homem e a sua criação. Como Igreja de Jesus, somos chamados a proclamar, viver e cumprir as intenções integrais de Deus para a criação, e o fazemos por chamado e obediência. Alguns grupos ou igrejas querem ter o seu trabalho na “área social” apenas por uma questão de alívio de consciência, ou porque fica “feio” uma igreja grande, que fala de amor num país de povo tão pobre como o nosso, não ter nenhum trabalho nessa área. Outras igrejas iniciam o seu trabalho social como um “gancho” para o que realmente lhes interessa, isto é, o evangelismo. Julgam que o que Deus quer mesmo é salvar a alma humana e livrá-la do inferno. Muito embora também seja isso o que Deus quer, precisamos ter uma visão mais ampla das intenções de Deus e do seu plano eterno para a criação. Quando implantamos nossos projetos sociais apenas para nos dar o direito de evangelizar as pessoas, estamos usando a necessidade do povo para fazer valer o nosso discurso. É óbvio que tanto o próprio Deus como nós queremos que as pessoas se convertam e recebam a mensagem da salvação pessoal. Mas a questão central é mais profunda. Devemos nos perguntar: Por que estamos prestando ajuda: por amar as pessoas, e, como Deus, nos importar integralmente com elas, ou por que queremos nos dar o direito de ser ouvidos?

Precisamos responder a esta pergunta com honestidade. A experiência tem mostrado que trabalhos baseados numa “troca” do tipo “nós te ajudamos, mas escuta bem o que eu tenho para te dizer” têm trazido manipulação e frustração tanto do lado de quem ajuda como de quem tem sido ajudado. Além disso, agredem a dignidade do povo e geralmente os frutos não permanecem, porque não foram gerados com a motivação correta de uma entrega real a Cristo, mas para obter um benefício imediato. Na prática, a diferença entre um trabalho de “troca” e de um com a orientação correta de obediência à visão de Deus pode parecer sutil, justamente por se tratar de uma questão de motivação. Mas, no final, os resultados se mostrarão evidentes — sem contar que o próprio povo geralmente percebe o que está por trás das nossas ações. Por isso devemos ter a atitude de Jesus que, movido por compaixão, ministrava incondicionalmente às pessoas.

Trabalho preventivo

Quando falamos em prevenção, falamos em ações que vão impedir que algo aconteça no futuro. Temos visto a avalanche de problemas sociais de toda ordem que avança sobre o nosso país, gerando uma situação praticamente fora de controle. Diante deste quadro, Igreja, governo, ONG's e uma parcela significativa da sociedade têm se mobilizado, e isso é bom.

A igreja evangélica, relevante na sociedade brasileira, tem procurado minimizar as condições de miséria, violência e injustiça em muitas frentes. Porém, especialmente em se tratando da Igreja, em geral as ações têm se convertido em programas de recuperação limitados a indivíduos específicos. Como programas de recuperação, entendemos aquelas ações que visam restabelecer o convívio social e a reintegração à família, como no caso de trabalhos com meninos e adultos de rua, por exemplo, ou mesmo a mudança de comportamento e reinserção na sociedade, como casas de recuperação de dependentes químicos, alcoólatras e outros. Muito embora essas ações sejam louváveis

e extremamente necessárias à tarefa de sermos sal e luz num mundo em trevas, o índice de eficiência das instituições de recuperação, como também não poderia deixar de ser num trabalho tão difícil, tem sido baixo, além de ter um elevado custo financeiro e grande desgaste dos obreiros envolvidos.

Embora apoiemos iniciativas de recuperação em todas as suas expressões tomadas pela Igreja, cremos que, proporcionalmente, precisamos com urgência investir em prevenção. É muito mais barato e eficiente, porém mais difícil de avaliar e motivar. O trabalho de desenvolvimento comunitário constitui-se num forte elemento de prevenção, pois atua nas próprias comunidades, no seio das famílias, onde está a origem de todos os problemas sociais e de onde fluem todas as suas seqüelas. Somente com famílias restauradas, alcançadas por Cristo, no seio das nossas comunidades, quebraremos o círculo vicioso da dor e da destruição de vidas, sem termos de ficar apenas “correndo atrás do prejuízo”, longe de alcançarmos resultados realmente transformadores.

Esse enfoque preventivo, dentro da magnitude de um trabalho de desenvolvimento comunitário, manifesta-se em todas as suas esferas. Certa vez um médico missionário no Quênia contou a história de um menino de uma vila pobre, que apareceu em seu consultório com um grave problema de verminose. O problema foi tratado adequadamente e o menino foi curado. Seis meses depois, o mesmo menino retornou com o mesmo problema. Tudo o que era feito produzia um alívio imediato, porém quase nada em termos de uma transformação genuína. Essa experiência fez com que o médico reavaliasse qual deveria ser a prioridade do seu ministério, em que área ele deveria empregar mais os seus esforços. E, como consequência, iniciou a sua peregrinação pelas vilas e aldeias, tratando de questões básicas, como higiene, tratamento da água e educação em saúde. Não ignoramos a importância e urgência das questões curativas e de recuperação. Mas, como aquele missionário na África, é hora de mudarmos o nosso paradigma em relação a essas questões.

A melhor forma de agirmos como um grande exército de transformação é por meio das nossas igrejas locais, atuando no sentido de implantar o reino de Deus nas comunidades. Temos igrejas em quase todas as comunidades do país. Se cada uma, no seu próprio contexto, de acordo com as necessidades locais, utilizar os recursos materiais e humanos de que dispõe, mesmo que aparentemente escassos, no sentido da transformação integral das suas comunidades, avançaremos enormemente em nossa tarefa de implantação do reino de Deus.

Identificação

Em nosso trabalho comunitário, é fundamental que nos identifiquemos com o povo. A identificação é um princípio missionário básico que pode ser encontrado na Bíblia de maneira muito clara nas vidas de Jesus e de Paulo.

Em Filipenses 2.5-8, vemos o exemplo de Cristo como o modelo máximo de humildade:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Embora sendo Deus, o excelente amor de Cristo levou-o a se tornar como um de nós. Jesus foi cem por cento Deus, mas também cem por cento homem. Dessa maneira, Ele

pode identificar-se conosco, tornando-se intercessor e salvador misericordioso. Também pode ser amado por nós, pois se colocou acessível, sem no entanto se dobrar ao pecado e às injustiças do homem. Jesus sabe como é ser humano, com falhas e limitações. Mais que isso: Jesus, sendo o dono do universo, tornou-se pobre. Nosso alvo é sermos como Jesus, que é o modelo perfeito para o nosso ministério. Cada um de nós deve também tornar-se um exemplo digno de ser seguido pelo povo a quem servimos.

Em 1 Coríntios 9.19-23, vemos o exemplo de Paulo:

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele.

Paulo possuía um senso muito forte da importância de se identificar com o povo a quem ministrava, ou seja, tornar-se um deles. Com toda a certeza, esse foi um dos fatores determinantes da eficácia do seu ministério.

Da mesma forma, quando estamos servindo na comunidade para a qual fomos chamados, temos de ser, dentro do nosso alcance, como um do povo. Esse é um princípio que envolve ações diárias de sabedoria. O agente de desenvolvimento sábio é amado e respeitado pelo povo justamente porque ele o ama e respeita. Ele afirma o que o povo afirma, desde a música, a comida, a cultura, os valores, a tradição, a história, a forma de se relacionar, até os seus projetos e sonhos futuros. Em vez de querer implantar o seu próprio estilo de vida e cultura, ama o suficiente o seu povo a ponto de se tornar um deles. Tudo isso, desde que nenhum destes fatores culturais contrarie algum princípio da Palavra de Deus, a nossa regra máxima de vida e conduta.

Esse é o modelo encarnacional de Cristo, que, sendo um de nós, apresentou-nos um modelo superior, digno de ser seguido. Toda comunidade tem crenças e valores do reino de Deus, fruto do fato de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus e da influência da verdade de Deus e da pregação do evangelho. Por outro lado, toda comunidade tem também crenças e valores do reino das trevas, fruto da queda do homem, do pecado individual e coletivo e das mentiras de Satanás. Cabe ao obreiro sábio discernir esses dois lados, afirmando as bases culturais ligadas ao reino de Deus e trabalhando para a transformação das bases satânicas. A transformação da cosmovisão forma por si só a essência do trabalho de desenvolvimento comunitário.

Como parte desse princípio, queremos ressaltar a importância da atitude de aprendiz por parte do agente de desenvolvimento.

O espírito de aprendiz é, por si só, uma das características mais marcantes do discípulo de Jesus. Mas é justamente em nosso trabalho com os pobres que seremos, mesmo inconscientemente, mais tentados a abandonar essa atitude tão fundamental.

Em geral, temos a tendência de pensar que os pobres precisam de nós e que estamos indo até eles para ensinarmos, para sermos uma bênção na vida deles. Achamos que o nosso relacionamento com eles será baseado em dar — uma via de mão única.

Mais cedo ou mais tarde, nossas atitudes acabam denunciando que estamos indo “de cima para baixo”. Porém, temos visto que, muito mais do que dar e ensinar, temos

recebido e aprendido. Deus quer que nossos relacionamentos sejam saudáveis — relacionamentos de partilha, de amor. Por causa da misericórdia de Deus para ministrar entre nós e abençoar-nos é que Ele nos chamou a servir a quem o mundo mais despreza. Os pobres têm muito a nos ensinar. Geralmente, carregam histórias de dores e peregrinações em suas vidas que são riquezas de grande valor. Muitos deles têm aprendido a realmente depender de Deus muito antes de nós, e são exemplos de perseverança e capacidade de tirar força da fraqueza. Corremos o risco de perder tudo isso se acharmos que não temos nada a receber deles.

Indo além, cremos que o nosso papel está não apenas em respeitá-los, mas também em admirá-los. É maravilhoso ministrar a um povo que admiramos. Lembremos sempre que Deus quer primeiro ministrar em nós, para depois nos usar. Muito do que Ele quer fazer em sua vida, muito da cura e das manifestações do amor do Senhor está ligado ao povo, e isto está ligado ao compartilhar sincero de fraquezas e necessidades. Estamos servindo muito mais porque Deus tem misericórdia de nós do que deles.

Podemos dizer, em nossas próprias vidas, o quanto o amor é importante. Ele nos dá força para continuar a caminhar. O amor é realmente supremo, verdadeiro, incondicional, quando vem da parte de Deus. Nós mesmos jamais conseguiríamos amar de tal forma.

Hoje, eu e minha esposa Marli conhecemos esse amor e procuramos praticá-lo da mesma forma, pois fomos recebidos com imenso amor na igreja local. Minha esposa conheceu o amor de Jesus por meio do curso de corte e costura do CADI, e, com o seu testemunho de vida, como esposa idônea, Jesus conquistou meu coração. A visão da nossa comunidade é prioritariamente amar uns aos outros, como Deus nos ama.

Hoje, sirvo em tempo integral como diretor administrativo do CADI e minha esposa atua como professora da nossa escola de educação infantil. Queremos passar aos outros aquilo que recebemos do Pai.

MARCOS CÉSAR NÉRIS, 32 ANOS

Excelência

Uma das características do trabalho cristão em qualquer frente que precisa ser resgatada é a questão da excelência no ministério. Essa característica se torna especialmente crucial e delicada no serviço ao pobre. Muitos têm a tendência de pensar que “se é para os pobres, pode ser de qualquer jeito”. Acham que estão fazendo um grande favor em servir e doar coisas. Por isso a preocupação com a qualidade fica praticamente esquecida. Essa questão é mais profunda do que como é tratada porque tem a ver com a própria pessoa e obra de Cristo, que é excelente. E tudo o que fazemos no ministério origina-se no caráter do próprio Deus. Além disso, no âmbito social, a questão da excelência de transforma num forte fator de testemunho. Esse princípio, na prática, possui uma enorme gama de aplicações, desde um bom serviço prestado, até transparência com questões financeiras; desde uma peça de roupa doada até a forma como tratamos as pessoas que participam dos nossos programas.

No caso do serviço aos pobres, esse assunto deve ser tratado com maior importância ainda, pois, por si só, pode ser usado para valorizar e dignificar os pobres, ou humilhá-los e desvalorizá-los ainda mais. Além disso, geralmente fomos nós que escolhemos trabalhar com eles, e não eles que nos pediram para fazer algo. Isso aumenta a nossa responsabilidade. Não estamos falando de perfeccionismo, mas, dentro dos recursos e

criatividade que Deus nos deu, buscaremos sempre o melhor e daremos o melhor que temos.

Venho de uma família simples e trabalhadora. Depois de ter tido contato com a Igreja na minha infância, afastei-me do evangelho na adolescência.

Com o início do CADI, em 1994, comecei a participar das aulas de inglês e de corte e costura, onde aprendi sobre o amor de Deus e retornei a Ele. Mais tarde, voltei a me envolver com o CADI e me tornei auxiliar da biblioteca por três anos. Durante esse tempo, tive a oportunidade de realizar vários cursos nessa área, que minha família nunca teria a oportunidade de prover, inclusive treinamento missionário. Casei-me com um homem de Deus que tem me apoiado em meu ministério. Temos uma linda filhinha.

JANAÍNA ZAPOTOCZNY, 28 ANOS

Ênfase nos relacionamentos

O desenvolvimento está primordialmente baseado em relacionamentos. Programas e projetos são importantes, mas nunca poderão substituir a essência do processo, que são relacionamentos de amor e confiança com o povo. Nosso alvo é discipular a comunidade para a sua transformação, especialmente por meio da igreja local. As estruturas nos ajudam com a forma, não com o conteúdo.

É importante enfatizar esse princípio, pois precisa ficar claro para a pessoa que quer se envolver com trabalho comunitário que o seu ministério não se resumirá em prestar um serviço, oferecer um curso profissionalizante, dar um atendimento ou iniciar um projeto. É preciso estar disposto a se relacionar com o povo, se envolver com os seus problemas, suas lutas, suas dificuldades, anseios e sonhos. Não queremos projetos bem estruturados tecnicamente, mas com pouco “coração”. É a vida do obreiro transferida para a vida do povo que vai gerar crescimento e transformação.

A qualidade de um projeto de desenvolvimento pode ser medida não pela quantidade de recursos envolvidos, nem pelo número de atendimentos prestados nem pelas boas idéias colocadas em prática, mas pela disposição das pessoas que trabalham nele em se doarem ao povo em relacionamentos de amor e confiança. Tudo isso sem ignorar a importância de programas e projetos estratégicos e bem elaborados.

Cresci trabalhando na lavoura com meu pai, um trabalho pesado e duro. Quando me mudei para a Fazenda Rio Grande, parecia que o mundo estava caindo sobre mim. Na época, estava com uma depressão profunda, sem esperança e comecei a ter problemas no coração. Clamava incessantemente a Deus. Encontrei forças para me matricular no curso de teclado do CADI, pois sempre gostei muito de música.

Comecei então a ter contato com alguns irmãos e me senti amada por eles. Percebi então que Deus me amava e tinha um lugar para mim ali. Matriculei meus filhos na escola de educação infantil do CADI e começamos a crescer na igreja local. Meu filho mais velho foi batizado e minha vida foi restaurada. Quero que este testemunho encoraje outras vidas. Recebi treinamento missionário de desenvolvimento comunitário e hoje pretendo trabalhar na minha comunidade para a implantação do reino.

GILDELICE CARNEIRO FERNANDES, 40 ANOS

Trabalho em equipe

Uma equipe consiste num grupo definido de pessoas comprometidas, capacitadas e coordenadas no sentido de obter os mesmos alvos. Biblicamente, entendemos uma equipe como a forma básica pela qual Deus deseja trabalhar, com raras exceções. Num trabalho com o espectro de demandas, atividades e responsabilidades como o trabalho comunitário, uma equipe bem formada é essencial. É muito importante a seleção das pessoas certas para fazer parte da equipe — seleção esta feita com muita oração e clara direção de Deus.

Existem alguns valores básicos e cruciais que devem nortear a equipe para que ela seja eficiente. Alguns deles são: diversidade de dons e ministérios, amizade antes de função, transparência, consenso e comunicação efetiva. Não esgotaremos o assunto aqui, mas é importante que todo líder que deseja se engajar no ministério com comunidades saiba que precisará encarar os desafios de trabalhar em equipe, com todas as complexidades e maturidade que isso requer.

A sabedoria em lidar com os processos de equipe, desde seleção, comunicação, tomada de decisões e resolução de conflitos, pode determinar o êxito ou o completo fracasso do ministério. Muito embora não estejamos nos aprofundando nesse assunto aqui, recomendamos que seja uma prioridade na concepção de qualquer projeto, e que o estudo aprofundado dessas questões seja parte integrante da vida de todo ministério.

Cheguei na Fazenda Rio Grande sem nenhuma vontade de morar aqui. Estava estudando e logo depois comecei a trabalhar. Começou então um outro tipo de necessidade, a espiritual. Foi aí que comecei a freqüentar a igreja local. Tudo começou a transformar-se rapidamente em minha vida. Mudaram-se os valores e crescia a vontade que Deus colocava no meu coração de saber mais sobre suas promessas e grandeza. Comecei a fazer discipulado para suprir minhas necessidades espirituais, saí do emprego, disposta a trabalhar no reino. Comecei a trabalhar no CADI e veio então o desejo de fazer treinamento em desenvolvimento para aprender a trabalhar com excelência para Deus. Vi mesmo como um desafio agora vencido, com a graça de Deus. Hoje treinada, trabalho como obreira, ajudando a passar essa visão. Deus plantou uma semente que Ele rega todo dia, embora eu ainda não saiba como. Sinto que é algo grande e bom, que, com certeza, crescerá e dará muitos frutos.

IDALINA FERREIRA, 26 ANOS

Participação

Deus formou o ser humano para participar com Ele no desenvolvimento da sua criação e, por isso, uma das essências do trabalho de desenvolvimento comunitário é a participação. Se não incluirmos as pessoas como agentes ativos do processo, de forma alguma poderemos gerar desenvolvimento. Esse é um processo conflitante e de difícil assimilação por parte da maioria das lideranças e igrejas, especialmente no Brasil. Muitos têm medo de, gerando participação, perder sua autoridade. Não conhecem o modelo de autoridade da Palavra de Deus. Outros vêm de modelos eclesiais extremamente autocráticos e se sentem ameaçados ante qualquer possibilidade de mudança. Outros confundem o princípio bíblico de autoridade, um dos pilares do reino de Deus, com autocracia.

O trabalho participativo é a melhor maneira de evitarmos o *paternalismo*: “fazer por uma pessoa tudo aquilo que ela poderia fazer por ela mesma”. Em nosso país, temos

uma tradição de paternalismo muito arraigada nas relações sociais. Nas igrejas não é diferente. Há uma tendência em sermos extremamente paternalistas. E o pior: os pobres têm essa mesma tendência ao inverso, e muitas vezes esperam essa atitude de nós. O paternalismo se manifesta não apenas em dar coisas para os outros, criando dependência e acomodação, mas também em pensar, decidir e assumir responsabilidades pelos outros. E aí vemos as conseqüências desse padrão cultural em nossas comunidades: não assumimos responsabilidade pelo bem-estar coletivo, afirmando que a culpa está nas mãos de uns poucos e estes é que têm de resolver o problema para nós. Não participamos de um processo decisório e não estamos acostumados a pensar e refletir. Assumimos como certo o que outros decidiram por nós.

No plano eclesiástico, todos esses fatores se repetem, às vezes de forma ainda mais veemente. Cremos que um dos fatores pelos quais as nossas comunidades mais pobres estão repletas de igrejas com perfil legalista é exatamente este: é mais fácil que alguém me diga o que é certo, o que eu posso fazer e o que é proibido, do que adquirir uma capacidade reflexiva e de discernimento com maturidade. Afinal, a vida toda os pobres foram programados apenas para acatar ordens. Em longo prazo, no entanto, esse padrão não se torna libertador nem gera desenvolvimento. Para que haja um processo saudável, os esforços de desenvolvimento devem envolver as pessoas que estão sendo beneficiadas em todas as áreas, desde a identificação das necessidades, implementação do projeto, até a avaliação.

Como já dissemos, todo princípio de ministério tem sua origem no próprio caráter de Deus. É interessante notar que Deus é Pai, mas não é paternalista. Os que já andam com Deus há algum tempo sabem muito bem que a sua parte cada um tem de fazer; Ele não faz por nós. E nisso consiste o verdadeiro amor, pois nos libera para sermos totalmente livres, rumo ao nosso pleno potencial.

Paternidade X Paternalismo¹

O paternalismo é uma caricatura grotesca da paternidade.

A paternidade é oferecida.

O paternalismo é imposto.

A paternidade respeita.

O paternalismo humilha.

A paternidade é oblativa.

O paternalismo é possessivo.

A paternidade confia na capacidade do filho, e a fomenta.

O paternalismo supõe que o filho é incapaz, e o incapacita.

A paternidade suscita pessoas livres.

O paternalismo cria rebeldes ou submissos.

A paternidade prepara para a responsabilidade.

O paternalismo fomenta a irresponsabilidade.

A paternidade afiança a confiança e a auto-estima.

O paternalismo deixa-nos na insegurança e na necessidade de aprovação alheia.

A paternidade responde às necessidades e expectativas do filho.

O paternalismo está a serviço de suas próprias necessidades.

A paternidade busca a realização do filho.

O paternalismo busca sua própria satisfação.

A paternidade conta para sempre com o filho, a quem deixou crescer.

O paternalismo perde o filho, a quem impediu de amadurecer.

A paternidade se satisfaz quando permite e aprova.

O paternalismo sente prazer quando ordena e proíbe.

A paternidade se alegra quando deixa de ser necessária.

O paternalismo acredita ser sempre indispensável.

Existem vários textos e contextos bíblicos que encorajam a participação. Essas passagens devem ser especialmente estudadas e afirmadas, em se tratando de um trabalho de desenvolvimento comunitário. Em Israel, Deus queria governar a nação, tendo cada pessoa como um cidadão, um ministro responsável do seu povo. Quando o povo quis um rei que governasse sobre ele, Deus advertiu o povo que esse pedido tinha origem no pecado, dizendo que o rei:

tomará os vossos filhos e os empregará no serviço dos seus carros e como seus cavaleiros, para que corram adiante deles; e os porá uns por capitães de mil e capitães de cinqüenta; outros para lavrarem os seus campos e ceifarem as suas messes; e outros para fabricarem suas armas de guerra e o aparelhamento de seus carros. Tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará o melhor das vossas lavours, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais e o dará aos seus servidores. As vossas sementeiras e as vossas vinhas dizimará, para dar aos seus oficiais e aos seus servidores. Também tomará os vossos servos, e as vossas servas, e os vossos melhores jovens, e os vossos jumentos e os empregará no seu trabalho. Dizimará o vosso rebanho, e vós lhe sereis por servos. (1 Sm 8.11-17)

Apesar disso, vemos que o povo não ouviu a voz de Deus. Antes, quis um rei para “governar-nos, sair adiante de nós, e fazer as nossas guerras” (1 Sm 8.20). O que está em jogo aqui não é a existência ou não de um sistema político adequado, mas um padrão de pensamento desastroso, contrário ao reino de Deus, que se perpetua até hoje em nossa sociedade e que é uma das maiores causas de pobreza e injustiça: “uns governam e se dão bem na vida, porque são melhores; os outros devem apenas servir esses que mandam”.

No Novo Testamento, está claro o sacerdócio universal dos crentes, segundo o qual cada cristão é visto como um ministro, um sacerdote de Deus. Cada um tem sua parte, sua responsabilidade e importância. Se não conseguirmos inserir este princípio em nossa realidade de equipe de trabalho e em nossas igrejas, dificilmente conseguiremos fazê-lo em nosso trabalho com os pobres.

Todo início de processo participativo, em qualquer grupo, é difícil e requer muita determinação. É necessário ter sabedoria para levar o processo adiante, sem atropelar nenhuma etapa nem causar abusos. Muitas pessoas que não estão acostumadas a se expressar, quando chamadas para tal, perdem a disciplina e abusam desse direito, passando a oprimir as outras. Também é preciso uma boa dose de maturidade dos líderes para se colocarem vulneráveis. Mas temos visto que, em médio prazo, os benefícios de um trabalho participativo são imensos, tanto para os próprios líderes, como para as pessoas e o trabalho em si.

Lembre-se: as pessoas só zelarão por aquilo de que se sentem parte.

Gostaria de compartilhar aquilo que o Senhor fez em minha vida. Por meio do CADI, vi um grande amor nas pessoas, e este amor de Deus mudou a minha vida. Encontrei em Jesus algo que só Ele poderia fazer. Comecei a participar da igreja local, e foi por causa deste grande amor que recebi a cura de um câncer. Agora sou

feliz com meu marido, que trabalha como técnico na escolinha de futebol. O que para mim era impossível, a graça de Deus tornou possível!

IRANI MALAQUIAS, 49 ANOS

Começando com o que eles têm

Muitas vezes temos a tendência de achar que vamos para a comunidade iniciar um projeto, levando tudo o que eles precisam. Iniciamos levantamentos e pesquisas de necessidades para ver o que está faltando, no intuito de suprir. Embora algumas vezes uma pesquisa de necessidades seja muito útil, precisamos inverter esse paradigma, na forma como acessamos a comunidade, como a compreendemos, e do que entendemos que Deus quer fazer naquele lugar e na vida daquele povo.

Toda comunidade, por mais precária que seja, tem muitas coisas boas que Deus já plantou ali: recursos, pessoas, talentos, capacidades, atitudes de solidariedade, cooperação, abertura para mudanças, vocação para o trabalho, esperança etc. O agente de desenvolvimento sábio identifica essas qualidades e edifica o trabalho baseado nelas, maximizando o potencial do povo. Às vezes, pode ser a criatividade e o dom artístico do povo que leve um projeto a explorar esse lado. Outras vezes, pode ser uma capacidade nata ou uma virtude.

Quando queremos implantar um projeto permanente, temos de resistir à tentação de termos nossa própria estrutura. Devemos utilizar os recursos disponíveis: uma sala de aula, a casa de alguém, não importa o quê. O importante é estarmos atentos e abandonarmos a idéia de apenas prestar serviços para o suprimento de necessidades, embora o processo como um todo possa envolver isso também. Se observarmos cuidadosamente, ficaremos surpresos por ver as riquezas que Deus já depositou em nossas comunidades, apenas esperando para ser desvendadas. Na verdade o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é o grande recurso do desenvolvimento.

“Começar com o que eles têm” é um princípio que pode ser exemplificado em algumas passagens das Escrituras. Uma das mais conhecidas é a multiplicação dos cinco pães e dois peixinhos, recursos oferecidos por alguém do meio do povo (Mt 14.13-21). Na história de Rute, embora Boaz tenha lhe concedido grande favor, ela mesma teve de trabalhar na colheita (Rt 2.15,16). Nenhum indivíduo e nenhuma comunidade são tão pobres que não tenham nada para dar.

No início, mesmo tendo muitos recursos, precisamos não ceder à tentação de levarmos tudo pronto. Devemos nos perguntar: que recursos Deus colocou naquele lugar? Abandonemos a idéia de “começarmos grande”. Tudo que começa grande, começa deformado. No reino de Deus, a nossa pequena semente é lançada e se multiplica pelo seu poder.

O CADI é um exemplo de como uma organização pode cooperar para o desenvolvimento de uma comunidade, um modelo para a sociedade e para o empresariado na atenção à família e uma referência em ação comunitária.

ANTONIO WANDSCHEER,

PREFEITO MUNICIPAL DE FAZENDA RIO GRANDE, PR

Igreja local como centro do processo de desenvolvimento

Conforme já tratamos anteriormente, cremos na igreja local como o grande agente de desenvolvimento nas comunidades. Esta idéia não é nova. Trata-se da essência da missão da própria Igreja, encarregada por Deus de proclamar, viver e fazer cumprir as intenções integrais do amor de Deus para com o homem.

Essa visão tem de ser enfatizada. Temos visto, de um lado, cristãos bem intencionados, compassivos e dispostos a fazer o trabalho comunitário, porém muito relutantes em trabalhar com as igrejas locais por uma série de fatores. A estes, por vezes se une o pessoal das “para-eclesiásticas” e ONG’s. Do outro lado, temos as igrejas, procurando da melhor forma fazer o seu trabalho, mas geralmente preocupadas apenas com a questão da salvação espiritual e relutantes em relação às questões do desenvolvimento. Muitas vezes as igrejas até estão abertas, porém permanecem tão imersas em seus problemas internos, suas ênfases temporárias e seus conflitos que não sobra tempo nem energia para nada que se relaciona à transformação da comunidade.

Essas situações precisam urgentemente ser revistas por ambos os lados. Deus está desejoso de mobilizar o seu povo como um grande e poderoso exército de transformação. Ele quer tocar as nossas comunidades, trazendo salvação, esperança e vida plena em todas as suas expressões. A melhor forma de ministrar integralmente à comunidade é por meio das igrejas locais. Vejamos alguns motivos práticos para isso:

- Há igrejas em quase todas as comunidades do nosso país. O seu poder de mobilização, se corretamente aplicado, é imenso. O povo das igrejas já está completamente contextualizado, pois pertence às próprias comunidades e conhece como ninguém os seus problemas. O testemunho das igrejas é validado e o evangelho é fortalecido.
- O processo de discipulado e o cuidado pastoral das pessoas são facilitados. Na igreja local, os frutos do trabalho comunitário podem crescer no conhecimento de Cristo e receber, pelo Espírito Santo, a força para a transformação, como nenhum outro contexto poderia oferecer.
- Questões de disciplina na equipe, autoridade, resolução de conflitos, pecado, falta de cobertura espiritual na vida dos obreiros são mais facilmente tratadas.
- Os dons espirituais encontram espaço para fluir mais facilmente.
- Há desenvolvimento de uma vida íntegra, saudável e coerente em todas as áreas na vida do povo.
- Nenhum outro contexto fornece um ambiente tão favorável para a transformação da cosmovisão do povo, que é a linha mestra do desenvolvimento comunitário. Poucas armas são tão poderosas para esse trabalho quanto os púlpitos das igrejas, pois o que neles é ensinado geralmente é bem recebido. Isso sem falar no processo individual de discipulado. É no púlpito que as mentiras de Satanás podem ser confrontadas e substituídas pela verdade de Deus. Questões espirituais, valores, trabalho, ética, finanças, comportamento, relacionamento etc. podem e devem ser tratados, transformando as mentes. São essas questões, ou seja, a verdade de Deus manifestada em todas as áreas, que vão gerar o desenvolvimento.
- Nas igrejas, as ações proféticas que levantam o povo podem ser mais facilmente empregadas e administradas, por meio de um esforço comum. As operações sobrenaturais de Deus, seus sinais e maravilhas, são constantes exemplos de esperança e do poder disponível para a transformação. Além disso, a igreja saudável traz em si um forte componente de unidade e alegria, muito importantes para impulsionar o processo de desenvolvimento.

É por essas razões que, àqueles que se sentem chamados a iniciar projetos de desenvolvimento em comunidades, recomendamos que iniciem apenas quando houver um forte relacionamento com uma ou mais igrejas da comunidade. Que sejam igrejas que compreendam a visão, que andem lado a lado com os líderes do projeto, e para as quais seja possível encaminhar os frutos sem hesitação. Se não houver este tipo de igreja, uma opção a ser considerada, mediante a direção de Deus, seria a implantação de uma igreja local na comunidade, que crescerá juntamente com o projeto comunitário. Para isso, seria necessário incluir na equipe pessoas com chamado para o ministério pastoral de longo prazo, específico para esse fim.

No início do CADI, participei de um curso de corte e costura e lá me falaram o quanto eu era especial para Jesus. Uma paz inundava o meu coração a cada aula. Deus tinha um plano para minha vida, e era só o início. Um dia convidei meu esposo e meu filho para irmos ao culto, onde Deus ministrou ao nosso coração e fomos muito amados por todos. A partir desse dia, o Senhor transformou as nossas vidas.

Fazemos hoje parte da comunidade local, para poder, da mesma forma, receber as pessoas que chegam. Deus também nos presenteou com uma linda filha. Eu só poderia ter mais filhos se fizesse tratamento, mas não foi necessário, pois já era plano do Pai.

LICÉIA FRANCO, 37 ANOS

Conclusão

Como falamos no início, esses princípios são importantes porque independem da estratégia que iremos utilizar. São diretrizes básicas que nos ajudam a permanecer nos trilhos. Portanto, precisam ser constantemente revistos e avaliados. É fácil começar certo, mas é um desafio permanecer assim. Nossa equipe de trabalho precisa ter isso bem claro. Por isso, para o líder desejoso de implantar ou aperfeiçoar um projeto, nós o encorajamos a escrever a sua visão (Hc 2.2), deixando bem claro aonde quer chegar e como chegar lá.

Obviamente não esgotamos aqui todos os princípios de desenvolvimento comunitário. Existem muitos outros. Mas, com estes, esperamos ajudá-los a estabelecer a sua caminhada em solo firme e seguro. Também queremos lembrar que todos esses princípios devem ser aplicados numa perspectiva de longo prazo, que é característica básica de qualquer processo de desenvolvimento. Todo planejamento, treinamento, oração e estratégia têm de ser apropriados para um trabalho de longo prazo.

Por último, é preciso que aprendamos a desfrutar do processo, e não apenas dos resultados. Caminhar nesses princípios já é, por si só, um desafio de maturidade e persistência. Há ainda muito por descobrir, muito por aprender. Estamos apenas começando. Temos uma aventura pela frente, e vamos colher pequenas alegrias a cada dia. O importante é, com os olhos firmados em Cristo e um coração de servos, seguirmos adiante rumo às intenções de Deus para nossas vidas, comunidades e nações.

O discipulado pessoal foi fundamental para nosso crescimento e discernimento dos propósitos do Senhor para as nossas vidas. À medida que éramos discipulados, aprendíamos a conhecer melhor o nosso Deus e a andar segundo a sua vontade. Hoje, estamos servindo no ministério pastoral e procurando alcançar os sonhos de Deus para nós e nossas ovelhas.

PASTOR MÁRCIO SANTOS, 33 ANOS

PASTORA CARLA SANTOS, 32 ANOS

Nota:

1. TROSSERO, René Juan. *Pensar e viver em liberdade*. São Paulo, Paulus, 1998. p. 112. Usado com permissão.

* Capítulo 7 do livro *O Reino Entre Nós*, gentilmente cedido pela Editora Ultimato (www.ultimato.com.br).

Oferecimento:

Revista Mãos Dadas
Caixa Postal 88 – 36.570-000 Viçosa MG
cartas@maosdadas.net
